

**Metodologia teológica anglicana: didática e ação, como forma de compreender o mistério cristão****Anglican theological methodology: teaching and action as a way of understanding the christian mystery**

DOI:10.34117/bjdv6n2-009

Recebimento dos originais: 30/11/2019

Aceitação para publicação: 04/02/2020

**Juliano Bernardino de Godoy**

Doutorando em Educação na Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP

Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP

Licenciado em História - Filosofia- Pedagogia - Sociologia- Geografia

Bacharel em Teologia- Filosofia- História- Sociologia

Instituição: Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP

Endereço: Avenida 50, esquina com Rua 2A, nº 130, Bairro: Jardim Primavera- Rio Claro- SP

E-mail: juliano.godoy@ig.com.br

**RESUMO**

Esse artigo parte trabalho parte do estudo e da forma didática que a Igreja Anglicana em um contexto amplo, aplica sua forma de entender a Teologia Cristã. Utilizamos como metodologia a revisão bibliográfica através de livros, artigos e trabalhos acadêmicos em geral sobre o referido assunto. O Anglicanismo não possui um corpo teológico fechado institucionalmente. Sua teologia vem de diferentes matizes tanto católicas como reformadas e suas formas de expressar suas crenças nos mais variados contextos culturais e sociais.

**Palavras-chave:** Anglicanismo, Teologia, Inculturação.**ABSTRACT**

This paper is part of the study and didactic way that the Anglican Church in a broad context applies its understanding of Christian Theology. We use as methodology the bibliographical revision through books, articles and academic works in general about the referred subject. Anglicanism does not have an institutionally closed theological body. His theology comes from different shades, both Catholic and Reformed, and his ways of expressing his beliefs in the most varied cultural and social contexts.

**Key words:** Anglicanism, Theology, Inculturation.**1 INTRODUÇÃO**

Antes de iniciarmos nossa exposição acerca desse tema, urge que tenhamos absoluta consciência dos significados das duas palavras que fazem parte do título desse trabalho. Para tanto, precisamos compreender claramente o sentido e o significado da palavra “teologia” e do termo “metodologia”.

A palavra “teologia” já era usada pelos gregos séculos antes de Cristo. No entanto, para esse texto, utilizaremos um sentido mais específico, e ele pode ser encontrado simplesmente na observação etimológica dos dois termos. Quando buscamos pela origem etimológica de “teologia”, nos

deparamos com a junção de dois termos gregos importantes: *theos* e *logos*. O termo grego “*theos*”, pode ser traduzido por “Deus”, e o outro termo, “*logos*”, pode ser traduzido por “discurso”, “estudo” ou “exposição”. Assim, quando unimos os dois termos, verificamos que “*teologia*” é a exposição lógica acerca de Deus, ou simplesmente como o estudo de Deus. É claro que essa definição não é unânime nem está livre de críticas. Talvez a crítica mais sólida seja aquela segundo a qual, essa definição coloca Deus na condição de sujeito de uma pesquisa, como se pudéssemos “estudar” ou “dissecar” Deus como fazemos com um corpo humano ou com qualquer outro “objeto” do mundo natural.

Sobre a segunda palavra que compõe nosso título, nos deparamos com o vocábulo “metodologia”. Este termo, também é a junção de três termos gregos: “*met*”, “*hodos*” e “*logos*”. Sobre esse último termo já temos informações suficientes. No entanto, sobre os dois primeiros é importante fazer algumas considerações. Como sabemos, “*hodos*”, no grego, significa “caminho”, enquanto “*met*” é um prefixo que aponta para aquilo que está “além”. Assim, “*met-hodos*” significa literalmente, “*o caminho que se segue*”. Em outras palavras o “método” é o instrumento que nos permite conhecer algo por meio de um caminho. É significativa a consideração de Rito, para quem: “Evidentemente, a etimologia não nos dá mais do que uma noção muito geral daquilo que a palavra ‘método’ vem a significar concretamente” (RITO, 1999, p. 113). A teologia, que se pretende uma ciência, procura trazer consigo a necessidade e a imperiosidade de um método com o qual possa enfrentar seus problemas e questões. Dessa forma, a busca de um método adequado para a teologia não é algo trivial ou fácil de se fazer. E essa dificuldade se funda no dado concreto de que seu pretensão “objeto” material não é propriamente material ou mensurável, segundo apregoa o moderno conceito de ciência.

Mas afirmar isso, também significa compreender que “Um método não é uma ‘rede’ indiferente na qual é agarrada a realidade. O método é um elemento da própria realidade” (TILLICH, 1984, p. 57). Esse ilustre teólogo alemão, nos oferece um método que ele descreve como “correlativo”. Dessa forma, afirma ele,

O termo ‘correlação’ deve ser usado em três maneiras. Pode designar a correspondências de séries diferentes de dados, como em mapas estatísticos. Pode designar a interdependência lógica de conceitos, como em relações polares. E pode designar a interdependência real de coisas ou eventos em totalidades estruturais. Se esse termo e usado em teologia, todos esses três sentidos têm aplicações importantes (TILLICH, 1984, p. 57).

O método correlativo é muito mais do que apenas o gesto de correlaciona perguntas filosóficas a respostas teológicas. De fato, para ele, toda a Teologia Sistemática estava estruturada

nele. Assim, ao longo de todo seu texto, sempre haverá uma questão de fundo existencial que é elaborada filosoficamente e uma resposta correspondente elaborada teologicamente, por meio de símbolos religiosos que anunciam as preocupações últimas do ser humano. Isso não significa que, o que Tillich chama de “elaboração de uma pergunta”, já não exista algum conhecimento fundamental que dê sentido à resposta. Antes, a própria pergunta é a expressão do problema filosófico que fundamenta cada parte do sistema teológico. Essa construção é sempre fundamental para a elaboração da resposta teológica. É nesse âmbito que entendemos que as perguntas e as respostas estão em interdependência mútua. Eis o que ele entende por correlação. Uma explicação satisfatória sobre esse método nos é apresentado por Cunha, que afirma:

No primeiro volume da Teologia Sistemática, Tillich desenvolve a correlação entre razão e Revelação. A razão ontológica quando se interroga a respeito do ser, remete a algo que a transcende: “A Revelação não destrói a razão, mas é a razão que suscita a questão da Revelação”. Sem se opor à Revelação, a razão “interroga a Revelação na medida em que a Revelação significa a reintegração da razão”. A razão é por natureza dotada de finitude e ambiguidade, podendo se tornar autônoma, perdendo assim a profundidade. Se ela se deixa seduzir pela heteronomia, perde a capacidade crítica. É a Revelação que dá à razão condição de superação da tensão “entre autonomia e heteronomia restabelecendo sua unidade essencial”, isto é, razão teônoma. A razão, por força da Revelação, torna-se teônoma, íntegra e centrada no Mistério (CUNHA, 2015, p. 138)

Uma postura filosoficamente influenciada pelos insights de Kant, e que nos faz pensar sobre o método teológico ou dogmático de uma forma mais ligada ao subjetivismo pode ser visto em outro eminente pensador Refiro-me a Friedrich Schleiermacher, que para muitos, foi o mais importante teólogo do século XIX. Pois bem, para ele, existia um método duplo que naturalmente se apresenta aqui.

Poderíamos, partindo de nossa concepção geral da consciência cristã, traçar um esboço das diferentes maneiras pelas quais ela pode se expressar de acordo com a natureza da alma humana e da vida humana, e procurar preencher esse esboço com o material doutrinal existente; e com esse método, a única preocupação seria garantir que não estivéssemos adotando nenhum elemento mutuamente incompatível. Mas poderíamos também tomar a linha de reunir toda a expressão da emoção religiosa que se desenvolveu em uma região particular do cristianismo e pertenceu a um e ao mesmo tipo; e então restaria apenas arranjar este material da maneira mais conveniente e sinóptica. Colocar os métodos assim lado a lado é suficiente para mostrar que devemos combinar os dois, porque cada um encontra apenas no outro uma segurança para o que lhe falta (SCHLEIERMACHER, Vol 1, 1963, p. 95).

Como sabemos, Schleiermacher procurava defender a fé cristã diante do Iluminismo e sua postura antirreligiosa. E, para isso, ele propôs uma abordagem mais ligada à consciência e à

subjetividade humana, associada à própria vida. Assim, existe claramente uma ligação entre sua noção de método teológico e de hermenêutica – da qual ele é considerado o pai, na idade moderna -, para quem ela exigia a capacidade de encontro entre o leitor e o texto, na forma de uma *verstehen*, ou seja, de uma *compreensão*. Desta forma, somente uma compreensão do texto poderia oportunizar a interpretação mais adequada. *Mutatis mutandis*, somente uma verdadeira *verstehen* entre a vida e a alma humana de um lado, e a religião do outro, podemos estabelecer um método para a teologia.

Assumindo uma postura diferente, encontramos o ministro Anglicano Alan Richardson, para quem a teologia é uma ciência empírica como as outras. Para ele, a teologia era “o estudo da existência cristã na história e nos dias atuais, quero dizer, de tudo quanto diz respeito à crença e ao testemunho da comunidade cristã, a Igreja, tanto no passado quanto no presente” (RICHARDSON, 1978, p. 40). Perceba que, para ele, a existência da teologia era uma consequência da existência tanto quanto a existência da física era uma exigência dos fenômenos físicos. Segundo seu entendimento, “a teologia é a ciência que busca formular categorias pelas quais possamos entender os fenômenos da existência-Igreja” (RICHARDSON, 1978, p. 41). Nesse sentido, percebemos que ele advoga que a teologia faz jus ao direito de ser reconhecida como uma verdadeira ciência empírica, ou seja, experimental. Para ele, existem três critérios que garantiriam essa condição: “O primeiro é o uso independente que ela faz de suas próprias categoria de investigação científica; o segundo é o emprego que ela faz do método científico; e o terceiro, o espírito com que ela trata de sua matéria” (RICHARDSON, 1978, p. 44). Como vemos, para Alan Richardson, a teologia faz uso de um método científico, ou seja,

O teólogo colhe e sistematiza os fatos da existência-Igreja, abrangendo, naturalmente, os fatos históricos ligados à origem e ao crescimento da Igreja. Pelos expedientes da moderna crítica histórica e literária, procura ele determinar a natureza desses fatos sobre que está baseada a fé cristã e pelos quais ela se expressa; e, completada essa tarefa na esfera da teologia histórica, passa a indagar que categorias – tal como a da revelação divina, ou a da inspiração – são necessárias para a interpretação desses fatos e dos fatos da existência-Igreja nos dias atuais. A última parte dessa tarefa é a matéria tradicionalmente conhecida por dogmática, que é uma tentativa para formular as doutrinas que surgem dos fatos assim examinados à plena luz de nossos conhecimentos atuais (RICHARDSON, 1978, p. 46, 47).

Por fim, não há como discordar de Clodovis Boff, que, quando trata do método teológico, afirma que “a Teologia possui o estatuto próprio que ela se deu ao longo da tradição e que por isso ela não precisa se dirigir a outras disciplinas para lhes pedir permissão de teologizar e menos ainda para aprender como fazê-lo” (BOFF, 1993, p. 73). Nesse sentido, o conhecido teólogo de Princeton, Charles Hodge, defendia que a teologia se utiliza de três classes de métodos para poder ser adequadamente chamada de ciência: o especulativo, a mística e a indutiva. Para ele, a especulação “pressupõe de uma maneira *a priori*, determinados princípios, e à luz desses princípios procura

determinar o que é e o que deve ser” (HODGE, 2001, p. 3). Para ele, é a especulação que tem o condão de decidir acerca do que é ou não, verdade. E ela o faz a partir das leis existentes em nossa mente, ou seja, dos axiomas envolvidos na própria constituição dos princípios imaginativos existentes em nosso interior. Para ele, “A este tópico devem referir-se todos os sistemas que se fundamentam em quaisquer pressupostos filosóficos *a priori*” (HODGE, 2001, p. 3). Existem três formas gerais nas quais esse método especulativo vem sendo aplicado à teologia: a forma deíctica ou racionalista, que rejeitam uma fonte de conhecimento oriunda do divino; a forma dogmática, que admite uma revelação supernatural contida nas Escrituras, mas a reduzem às formas de algum sistema filosófico; e finalmente, os transcendentalistas, que se dedicam ao método especulativo. Eles entendem que as verdades teológicas estão muito além da razão humana, mas, entendem que “essas doutrinas, quando conhecidas, podem ser demonstradas como verdadeiras mediante os princípios da razão. Esforçam-se por fazer uma demonstração independente das doutrinas bíblicas da Trindade, da Encarnação, da Redenção, tanto quanto da imortalidade da alma e de um estado futuro de retribuição (HODGE, 2001, p. 4).

A segunda classe de método que Hodge sustentava era o Místico. Este, difere do especulativo pelo fato de que, enquanto a especulação é um processo mental de pensamento, a mística é uma questão relativa aos sentimentos. Enquanto a primeira acha ter encontrado a verdade, a segunda suspeita dessa verdade confiando apenas na emoção dentro da esfera religiosa. Ora, quando aplicamos essa realidade à teologia cristã, verificamos que

Deus, ou o Espírito Santo, mantém comunhão direta com a alma; e, pela excitação de seus sentimentos religiosos, comunica-lhe intuições da verdade e capacita-a a atingir um tipo, um grau e uma extensão de conhecimento inatingíveis de qualquer outra maneira. Essa tem sido a teoria comum dos místicos cristãos em tempos antigos e modernos (HODGE, 2001, p. 5).

Por fim, Hodge nos apresenta a terceira classe de método, identificado por ele como indutivo. Neste aspecto, para ele, a indução aplicada à teologia não diferia da indução aplicada à natureza. Ela poderia ser definida como um tipo de raciocínio que parte do específico para o geral – diferentemente da dedução. Desta forma, a Bíblia representaria para o teólogo o que a natureza representaria para o cientista. “ela é seu depósito de fatos; e o seu método de averiguar o que a Bíblia ensina é o mesmo que o filósofo natural adota para averiguar o que a natureza ensina” (HODGE, 2001, p. 8). Hodge entende que a Bíblia contém todos os fatos necessários para nossa salvação e que, mesmo os princípios morais e espirituais necessários, estão implícitos nestes fatos.

Compreendemos que as grandes contribuições dadas pelos teólogos do passado são relevantes. No entanto, por razões que julgo serem pessoais, entendo que elas renunciam a aspectos que precisam ser – ao lado das Escrituras -, levados em conta. Entendo que deve ser assim, porque, conforme argumenta Lonargan, “o conhecimento envolve estrutura quadrupla: a experiência dos dados, a compreensão de seu significado, a avaliação de seu valor e por fim decisão avaliatória” (LONARGAN *In* FIORENZA & GALVIN, 1997, p. 76). Por isso, não seria inadequado concordar com Karl Rahner, quando ele afirma que “A teologia é a ciência da fé. É a explanação e a explicação consistente e metódica da revelação divina, recebida e compreendida pela fé” (RAHNER, *In* McGRATH, 2005, p. 177). Nesta breve definição ele leva em conta o papel da revelação divina, da fé e da recepção feita pela Igreja dessa fé. Dessa forma, entendemos que uma metodologia teológica é uma engrenagem que necessariamente precisaria levar em conta o conhecido tripé anglicano da Teologia, qual seja: a Escritura, a Tradição e o próprio entendimento feito pela Razão, envolvida pela fé. Examinemos cada um desses elementos que constroem o método teológico, individualmente. Esse método anglicano de fazer teologia está relacionado à figura do teólogo Richard Hooker. Segundo afirma Takatsu:

O Rev. Richard Hooker, sacerdote inglês do século XVII, tem muito a contribuir ao modo de se fazer teologia anglicano. Na sua época, havia várias controvérsias de ordem teológica, as quais ele abordou de forma criativa e conclusiva. Quanto ao papel das Escrituras Sagradas, Hooker evitou os dois extremos: a posição romana de que as Escrituras são insuficientes e que a Tradição deve suprir a insuficiência e a posição puritana de que é pecaminosa e ilegítima a liberdade da Igreja tomar decisões sobre o que as Escrituras silenciam. Hooker refletiu sobre essa e outras matérias como fizeram seus contemporâneos levando em consideração a Bíblia, a Tradição, principalmente, a Igreja Primitiva, (a interpretação contínua das Escrituras, sua aplicação), e a Razão (o bom senso, o senso comum de um povo em determinado tempo e lugar, a capacidade humana de simbolizar, ordenar, compartilhar e comunicar a experiência). (TAKATSU, S. Disponível em: <http://www.ieab.org.br/site/pt/fe/o-jeito-anglicano-de-fazer-teologia>, acessado em 22 de junho de 2019).

São, portanto, esses os três elementos que fazem parte de nosso método Anglicano de teologizar. E, acerca dessa realidade, afirma Jorge Aquino: “nós não temos um teólogo oficial, mas uma *forma de fazer* teologia. Em função disso, a teologia Anglicana é devedora a três pilares fundamentais: as Escrituras, a Tradição e a Razão” (AQUINO, Jorge. Anglicanismo. Disponível em <https://revjorgeaquino.wordpress.com/anglicanismo/>, acessada em 22 de junho de 2019). Por isso, mais importante do que teólogos, nós nos preocupamos com o método. É ele que nos permite obter o conteúdo da dogmática, ou seja, o método é a fonte de onde vem nossa crença e o modo pela qual a fixamos. Examinemos, portanto, cada um desses elementos do método anglicano de fazer teologia.

**2 A ESCRITURA: PRIMEIRA FONTE DO MÉTODO**

Não há como negar que desde sempre a Bíblia foi vista pelos cristãos como o *principium unicum*, ou pelo menos como a *fons primarius*, da teologia e, por via de consequência, da dogmática. Ela, enquanto o registro escrito da revelação divina, ocupa um papel especial como fonte de nossa teologia. É claro que a teologia natural tem sua importância, mas às Escrituras é dado um papel de destaque único nas comunidades Anglicanas. Eis a razão pela qual dizemos no Artigo 6º dos 39 Artigos de Religião, que: “A Escritura Sagrada contém todas as coisas necessárias para a salvação; de modo que tudo o que nele não se lê, nem por ela se pode provar, não deve ser exigido de pessoa alguma seja crido como artigo de fé ou julgado como requerido ou necessário para a salvação”.

É claro que Deus se revela de formas muito diversas. Ele, por exemplo, pode se revelar na natureza, na providência ou na experiência cristã. Todas essas revelações são válidas e verdadeiras. Contudo, é na Escritura que encontramos o fundamento sobre o qual podemos por em prova todas as outras demais formas pelas quais Deus pode falar conosco. Todo bom teólogo precisa se voltar sempre para as Escrituras para poder obter dela, um conhecimento fidedigno de Deus e uma relação adequada com Ele.

Hoje, estamos mais do que cientes de que, não apenas a reflexão teológica reside no centro das Escrituras, mas que, elas próprias, vão além de ser apenas fonte para reflexão teológica, mas exemplos de reflexão teológica feitos por seus autores e registrados em suas páginas. Conforme asseveram Fiorenza e Galvin (1997, p. 23), “As Escrituras cristãs não simplesmente testemunham Jesus como o Cristo; nem meramente testificam a fé das primeiras comunidades cristãs. O testemunho das Escrituras verifica-se em meio a uma tentativa de interpretar Jesus teologicamente e é o testemunho de uma fé reflexiva”. Isso significa que as Escrituras são constituídas não apenas de crenças e testemunhos de fé, mas também nos mostram que a comunidade primitiva já possuía uma reflexão teológica emergente acerca dessas crenças e testemunhos. Portanto, quando olhamos para as Escrituras podemos ver, simultaneamente, a expressão reflexiva de um testemunho, mas também uma teologia confiante.

Essa confiança que os cristãos historicamente depositaram nas Escrituras vêm do fato de que elas, desde sempre – ou seja, desde sua formação -, foram vistas como inspiradas por Deus. Este elemento faz com que observemos as Escrituras como tendo um caráter autoritativo para os que se dizem cristãos. Dizer isso é afirmar que não se pode ser cristão sem levar a sério o que Deus nos diz em sua Palavra. Citando as palavras do Frei Honório Rito,

Fazendo aqui um rápido retrospecto da história da teologia, podemos sem dúvida dizer que, não obstante toda a evolução que a teologia conheceu em razão do seu encontro com as

diversas culturas, o critério decisivo para a qualidade da teologia em todas as épocas foi sempre a S. Escritura como fonte da teologia. (...) Em sentido mais profundo e radical se pode dizer que a teologia que não é bíblica não é teologia (RITO, 1999, p. 130).

Em outras palavras, sem as Escrituras, não existe teologia. Mas devemos sempre observar a Escritura como essa “fonte” sagrada que também é “produto” da reflexão sobre o evento Jesus e os dilemas enfrentados pela igreja primitiva.

### **3 A TRADIÇÃO: SEGUNDA FONTE DO MÉTODO**

A questão da Tradição na igreja Anglicana é sumamente importante. E assim o é, porque ela nem a compreende como os teólogos da Reforma a viam, nem como a igreja Romana a entendia. Para ambos os grupos a Tradição era vista como um pacote completo, infalível e imutável. O Anglicanismo mudou essa perspectiva.

Antes de mais nada, precisamos associar a Tradição à própria Bíblia. Afinal, ela, ao ser escrita, acabou por consolidar uma tradição teológica que existia em um determinado lugar e tempo. Cada Evangelho testifica disso com sua forma diferente de apresentar o Cristo. Outro detalhe foi a longa jornada que a Igreja primitiva trilhou para estabelecer finalmente, qual seria o verdadeiro cânon das Escrituras. É claro que isso demonstra que existe uma relação íntima entre Escritura e Tradição.

Por outro lado, os Anglicanos compreenderam que a Tradição nos proporcionou uma enorme gama de sabedoria herdada do passado, e isso incluía os primeiros Credos cristãos. Entendeu-se, portanto, que nosso dever para com a Tradição nem era o de ignorar tudo e começar do zero, nem o de compreender que suas percepções eram absolutamente completas e absolutas. Percebeu-se que cada geração tem suas próprias oportunidades de desafiar alguns dos elementos do ensino que o oram herdados e adicionar seus próprios *insights*, contribuindo assim para uma visão da Tradição como algo mais dinâmica e que se transforma com o tempo. Assim, a Tradição, como a própria Razão, tem muito com o que contribuiu para o entendimento da igreja, no entanto, não de forma infalível.

Quando a reforma atinge a Inglaterra, era preciso que os teólogos Anglicanos tivessem uma direção a ser seguida. No entanto, ao invés de mostrar ou apontar para um teólogo como Calvino, Aquino ou Lutero, o mestre Hooker prefere estabelecer um tripé que nos faça pensar na busca da verdade, e não em nos associar com um pensador ou outro. É claro que sua obra nos mostra que ele preferia colocar a razão acima da tradição, enquanto os clérigos da igreja alta, colocavam a tradição acima da razão, no entanto, o que restou foi a crença de que esse triplo apelo se tornou uma contribuição distintamente anglicana à teologia cristã.

Historicamente, a Tradição foi caracterizada entre os Anglicanos como um "senso vívido da realidade atual de continuidade com o passado". Nesse aspecto, é importante observarmos o que nos



ensina um dos mais importantes Arcebispos de Cantuária do século XX, Arthur Michael Ramsey, que disse:

Mas o intérprete da Escritura não pode trabalhar sem pressuposições, e o discípulo de Hooker se aproxima da Bíblia com pressuposições aprendidas da tradição viva da Igreja. Mas o apelo à tradição não pode significar exatamente o que significou no século XVI ou nos escritos dos Tractarianos. É precisa de repensar. No lugar de um apelo estático à Igreja indivisa (pois o Espírito Santo disse muitas coisas desde a grande cisma), talvez devêssemos pensar em termos do apelo à experiência cristã. Esse apelo colocará uma maior ênfase na experiência interior dos cristãos e em seus frutos morais; mas não irá, à maneira dos oponentes de Hooker, desenhar um círculo fechado em torno do aspecto interno da vida cristã. Em vez disso, incluirá a forma e a vida sacramental da Igreja em seu testemunho da doação histórica do Evangelho. Embora a forma sem o Espírito esteja morta, é através de Seu uso da forma - no credo, sacramento, ordem, liturgia - que o Espírito preserva o verdadeiro sal da vida cristã em sua união com a objetividade do Evangelho e da Igreja (RAMSEY, A. Michael. What is anglican theology? Disponível em <http://fullhomelydivinity.org/articles/whatisanglicantheology.htm>, acessado em 22 de junho de 2019).

No que diz respeito ao apelo Anglicano à Razão enquanto um dos instrumentos da metodologia teológica, muito certamente ele pode ser visto - em sua natureza -, como uma forma de apelar à própria Escritura e Tradição, estabelecendo critérios de leitura, e como uma forma de apelar contra a autoridade e a infalibilidade – uma postura que está impregnada no Anglicanismo.

Um verdadeiro Anglicano certamente se incomoda com uma postura eclesial que se enxergue como infalível, tanto quanto com uma postura eclesial que acredite poder provar todas as verdades com textos bíblicos. Como se pode compreender uma teologia que não admite a possibilidade de se enganar ou de não poder encontrar fundamento na Bíblia para o que acredita? Talvez, em razão disso, os Anglicanos possuam uma visão mais adequada da tradição. Tanto porque ela é dinâmica, quanto porque ela nos oferece expressões dogmáticas que não foram retiradas diretamente das Escrituras.

#### **4 A RAZÃO: TERCEIRA FONTE DO MÉTODO**

A terceira fonte do método Anglicano de fazer teologia é a razão. Já vimos que esse tripé foi criado no século XVII-XVII por Richard Hooker, e que cada elemento nunca deveria ser visto de forma isolada, mas em conjunto. Quando nos referimos à razão não deveríamos observá-la ou vê-la como algo ruim ou nocivo para os cristãos. Nós deveríamos conhecer o que cremos, e para isso precisamos da razão. Ela, dentro do Anglicanismo sempre foi encarada como "a necessidade da liberdade de raciocínio para diferenciar e avaliar".

De fato, não deveríamos nos assombrar com a importância dada pelos Anglicanos à Razão. Afinal, fomos criados por Deus como seres racionais e, como tal, aptos para julgar e fazer escolhas.

Conforme muito bem afirma Libânio, discutindo acerca da razão,

A teologia reafirma triplicemente a importância da razão. Não se refugia em nenhum fideísmo, escondendo a fé em região inacessível à razão. Nem permite que ela apele a uma tradição primitiva inicial em nome do tradicionalismo. Nem, finalmente, aceita uma concepção reducionista da razão – o racionalismo” (LIBÂNIO, *In* TRANSFERETTI & GONÇALVES, 2003, p. 146).

Quando falamos em Razão, podemos com ela identificar a consciência cristã que se tem em um determinado momento e espaço delimitado. Isso é assim, porque quando nos aproximamos das demais fontes, nos aproximamos dentro de um contexto socio-cultural-político já pré-determinado. E é, justamente, dentro desse contexto vital, que desenvolvemos nossa fé.

Segundo afirma João Batista Libânio, “A fé envolve o ser humano na sua totalidade. As pessoas reagem diante dela segundo a compreensão que têm de si. Somos afeto, razão, consciência, liberdade, sensibilidade e relações tanto pessoais como sociais” (LIBÂNIO, *In* TRANSFERETTI & GONÇALVES, 2003, p. 143). Neste aspecto, podemos dizer que a teologia é fundamentalmente racional. Ela é *fides quarens intellectum*, ou seja, “É uma fé que se faz consentânea à natureza racional do ser humano, oferecendo-lhe a justa inteligibilidade de suas afirmações” (LIBÂNIO, *In* TRANSFERETTI & GONÇALVES, 2003, p. 147).

Se já temos as Escrituras é importante que a observemos à luz da razão. E essa razão não é apenas aquela visão comum ou o bom senso em um determinado lugar e época, mas uma prática hermenêutica relevante. Nesse sentido, afirmam Braaten e Jenson:

Deve haver um confronto com os textos e tradições da fé cristã por causa de seu sentido, em primeiro lugar em termos de seu contexto original, e, em segundo lugar, em termos do contexto contemporâneo do intérprete. Sem esse processo de interpretação no método histórico, acabamos com um mero amontoado de nomes, datas, lugares e acontecimentos. Há uma história viva, dinâmica a ser compreendida: a história de Israel entre as nações, a história de Jesus e da comunidade apostólica, a história da vida e da doutrina das igrejas cristãs no contexto da história geral do mundo, até o tempo presente (BRAATEN & JENSON, 1990, p. 43).

Portanto, o que aprendemos nesse momento, é que devemos sempre fazer uso de nossa razão não apenas para crer e para formular nossa fé, mas, bem anteriormente, para poder ler os textos sagrados e observar a história da Igreja, procurando perceber que Deus falou a cada geração e fala a

nossa, nesse momento. Para que sejamos capazes de compreender isso, precisamos desenvolver uma séria atividade hermenêutica com base nas Escrituras e percebendo como os cristãos que nos antecederam, vislumbraram os mesmos problemas que enfrentamos hoje. Quando enfrentamos dificuldades que os crentes nunca enfrentaram na história da Igreja, cabe a nós, com humildade e reverência, buscar a ajuda da razão para solucionar os problemas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, gostaria apenas de fazer uma breve reflexão sobre a metodologia Anglicana de fazer teologia. Antes de mais nada – e em primeiro lugar –, somos absolutamente cientes de que atingir o equilíbrio total entre as Escrituras, a Razão e a Tradição é uma tarefa difícil – quiçá impossível –, exigindo um estudo cuidadoso e profundo de uma variedade de fontes em inúmeras disciplinas diferentes.

Em segundo lugar, é preciso compreender que, para os Anglicanos, esses instrumentos metodológicos não devem jamais ser vistos de uma forma estanque e individual. Eles, na verdade são aparelhos ou instrumentos marcados pela subsidiariedade e pela complementariedade. Nenhum deles, de *per si*, pode oferecer a verdade absoluta.

Por fim, o que observamos na metodologia Anglicana, então, é a existência de uma tradição que procura sempre afirmar não um conjunto particular de doutrinas e verdades, mas uma maneira – ou um caminho (*hodos*) de buscar a verdade. Assim, os Anglicanos não rejeitam a Razão nem a trata como suprema. Não abominam a Tradição nem a trata como absoluta. Em vez disso, afirmamos que estes dois elementos caminham sempre juntos com as Escrituras. Certamente, nenhum desses elementos – individualmente – poderá nos fornecer a verdade completa e isenta de qualquer incerteza. E é precisamente porque não podemos confiar exclusivamente em qualquer um deles individualmente, que precisamos de todos eles, para fornecer verificações uns contra os outros.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Jorge. Anglicanismo. Disponível em:  
<https://revjorgeaquino.wordpress.com/anglicanismo/>, acessada em 22 de junho de 2019

BERKHOF, L. Introduccion a la teologia sistemática. Grand Rapids, Mich: The Evangelical Literature League, 1982

BOFF, Clodovis. Teologia e prática: teologia do político e suas mediações. Petrópolis: Vozes, 1993

BRAATEN, Carl E. & JENSON, Robert W. (Edit.) Dogmática crista. Vol 1. São Leopoldo: Sinodal, 1990

CUNHA, Carlos Alberto Motta. O contributo do método da correlação de paul tillich à epistemologia da teologia pública no brasil no contexto do pensamento complexo e transdisciplinar. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: FAJE, 2015

FIORENZA, Francis S. & GALVIN, John P. Teologia sistemática: perspectiva católico-romanas. Vol 1. São Paulo: Paulus, 1997,

HODGE, Charles. Teologia sistemática. São Paulo: Hagnos, 2001,

McGRATH, Alister. Teologia: sistemática, histórica e filosófica. Uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd, 2005

RICHARDSON, Alan. Apologética crista. Rio de Janeiro: JUERP, 1978

RITO, Frei Honório. Introdução à teologia. Petrópolis: Vozes, 1999

SCHLEIERMACHER, Friedrich. The christian Faith. Vol 1. New York: Harper Torchbooks. 1963

TILLICH, Paul. Teologia sistemática. São Paulo: Sinodal/Paulinas, 1984

TRANSFERETTI, José & GONÇALVES, Paulo Sergio Lopes (Org). Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003

RAMSEY, A. Michel. What is anglican theology? Disponível em: <http://fullhomelydivinity.org/articles/whatisanglicantheology.htm>, acessado em 22 de junho de 2019

TAKATSU, S. Disponível em: <http://www.ieab.org.br/site/pt/fe/o-jeito-anglicano-de-fazer-teologia>, acessado em 22 de junho de 2019